
LER MUITO PRAZER

Ler em voz alta, ler em silêncio, ser capaz de transportar na mente bibliotecas íntimas de palavras lembradas são capacidades que adquirimos através de métodos incertos.

Alberto Manguel – *Uma História da Leitura*

Sob os livros dormem os dedos de todos os escribas e desperta célere o mágico desejo de os ler.

Ler é uma forma diferente de medir o tempo. Sentir chegar a vontade como um vício e gostar de estar preso. Ausente. Escoar as horas e os dias sobre linhas e inventar uma imensa disponibilidade. Demorar o tempo que é preciso. Deixar escorrer o olhar. Avançar sobre tudo o que já se conhece ou adivinha. Tropear sobre as letras mais apagadas. Incauto, perder-se e voltar atrás quando o texto começa a parecer ilógico. Procurar vestígios do que se quer crer que deveria lá estar. Render-se ao cansaço. Deixar descer os olhos adentro da página. Perder a noção do tempo mas sem se dar conta do hiato, recomeçar. Adivinhar a mensagem. Ficar preso num enredo de forma doce ou ácida e não conseguir desistir. Intentar interpretar e, sem saber como, perceber. O que lá está e o que nunca antes tinha estado. Definitivamente criado um outro tempo, um outro espaço de onde não é fácil sair e onde é intenso e tranquilo o medo de se perder.

Ler é ter a capacidade da devinação, subverter os índices, isolar as hipóteses e criar. Universos de espanto e fantasia. Ler é uma forma específica de olhar, aquela que permite entender além de ver. E é o mundo inteiro que se oferece à leitura através de todos os sentidos: percursos da recepção. E é ainda construir textos sobre textos que não há. É guardar dum instante uma eternidade e tornar-se capaz de elaborar um tempo, um outro tempo, a medida do que se julga saber e textos, outros textos. Perder-se no ciclo infinito da criação. A leitura é acção sobre a matéria. A matéria de que são feitos os mundos: a verdade e a mentira. Só a leitura desafia o real. Só a leitura autentica a mentira.

Ler é ficar de algum modo invejoso da escrita e sentir, insuportável, o desejo de inventar. Como uma necessidade. A escola nem sempre soube lidar com os livros. Esqueceu que ensinar foi sempre ensinar a ler o mundo e o que nele fica escrito de forma fugaz ou perene. Esqueceu, por isso, que todos os livros são inúteis e dessa inutilidade vive o prazer de os ler. Guardou os seus livros em classificações e catálogos de fácil acesso mas catalogou também a sua utilidade e por isso reduziu a leitura a uma necessidade. Ensinou

a ler mas reprimiu o vício. Criou o dever. E sem se dar conta, apagou os livros. Fragmentou as obras. Policopiou e fotocopiou as páginas. Organizou os leitores. Fechou as bibliotecas.

Mas os livros mudaram e com eles mudaram os leitores

A escrita actual permite-se cintilar virtualmente e não carrega da mesma forma o fardo da utilidade. Quase etérea, chega e parte diferentemente. Penetra, abusa e foge de todas as bibliotecas. Desritualiza-se, banaliza-se e desperta o desejo de forma caótica e ingénua. Atrás de si acende leitores. Fugazes. Diferentes. Penaliza o livro. Usa máscaras atractivas e emparceira tecnologicamente com a imagem obrigando a misturar atitudes de recepção e interpretação. Deixa-se penetrar, alterar, violentar, aviltar. Oferece. Oferece-se. Alicia. Suporta cada vez mais funções e informações. Ilude. Cria o desejo mas não sabe resolver a velocidade. Excede a quantidade de informação que é possível digerir. E leva a que o leitor se esqueça de ler e aprenda a navegar. Sobressaltado. Conduzido por *links*. Em permanente estado de alerta. Submerso em vagas de leitura.

E, entretanto, o livro impresso aguarda. Aguarda que o cansaço de tanta rapidez lhe devolva o leitor, agora de outra forma, já saciado de tanta informação fácil. Ciente de que entre pesquisas e acessos, busca algo menos útil, talvez mais inquietante, que lhe permita inventar um tempo parado dentro do tempo, um tempo lento, o tempo da leitura, o tempo do prazer. Hoje, o livro espera um outro leitor, experiente em técnicas de acesso e exigente nas condições de leitura. Habituaado a relacionar-se com os textos interpenetrando-os, tratando-os com familiaridade tecnológica, distante de condicionantes matéricas mas cada vez mais ávido da diferença, ciente de que a mecânica da leitura escapa à dimensão do visível e se move dentro da interioridade e da paixão.

Esta exposição aceita o desafio de transformar a leitura num processo visível.

O grupo optou por criar um imenso intertexto onde figuram reflexões sobre o livro e a leitura, sobre os códigos de escrita, sobre a acessibilidade, a informação e o ruído e sobre a multiplicidade de representações do real e suas interpretações.

Num gesto colectivo, coloca a marca no centro de todas as escritas e chama à atenção para a existência de múltiplas técnicas de leitura. Valoriza o esforço e o prazer. De ler. Multiplica espaços e técnicas. Abarca a pluralidade e rende-se à exaustão.

Prende o livro em atitudes de reescrita libertando-o das suas encadernações. Em vitrines, vernizes e ampliações expõe os textos já interceptados de leituras, inventando suportes delirantes e códigos bizarros. Trata a leitura e a escrita com humor. E porque é do livro que fala assume a autoria enquanto processo híbrido entre a leitura e a escrita, retirando a obra a quem a escreve para a não entregar a mais ninguém.

Tratar esteticamente um objecto não implica de modo algum expurgá-lo da sua dimensão pragmática, antes ser capaz de o ver/mostrar já preenchido do que a paixão e a recepção são capazes de elaborar.

Presidiário de múltiplas bibliotecas e ao mesmo tempo cárcere de personagens e enredos, o livro passa, através desta atitude a circular no imaginário do leitor, diferentemente.

Cada um dos artistas aqui representados entreteceu frases e nelas decidiu deixar visíveis as memórias de alguns livros ou textos, já deglutidos, parte integrante de cada um, ou, diferentemente, *ab nihilo*, escrever o próprio livro e nele se afirmar como narrador insano que o mesmo é dizer que rejeita narrar, apenas se preocupando com evidenciar técnicas narrativas e desafios de leitura por vezes suscitando a escrita e dela partindo, enquanto leitor, provocador e provocado para outros textos ou ainda, leitor errante, com escrever a própria forma de ler. As intervenções colectivas servem-se da estrutura arquitectónica dos diferentes edifícios, interligando espaços interiores e exteriores. Tentam assim a invenção de percursos de leitura, por vezes virtuais para onde arrastam o leitor. Também o livro um universo percorrido e não só lido. A ampliação como estratégia para a visibilidade é também desconstrução do acto de ler. Imensas, as letras são edifícios de texto, numa estranha escala. A desmesura urbana as exige. E todo o espaço reclama ser suporte de escritas espelho de leituras individuais.

Quando expõem, sabem do que falam mas nem sempre o explicitam. Continuam assim também eles leitores, isto é, fazem de todas as suas obras objectos especulares das suas leituras e de si mesmo, enquanto leitores e, por fim, de todos os que intentaram lê-las.

Ler é assim ler-se, escrevendo sobre o que e como se leu para que tal possa ser lido.

Longe de ser um processo autobiográfico a exposição não deixa de ser um registo de cada um, inevitabilidade criativa, na medida em que expõe os autores enquanto leitores eternamente inebriados, capazes de citações por paixão, dependentes do que não sabem que se passou de cada vez que leram mas, mesmo assim, capazes de o mostrar despudoradamente.

E esta capacidade faz de cada um deles artistas.

M. ADRIANA BAPTISTA

Linguista